

OCORRÊNCIA DAS CORREÇÕES E RECONSTRUÇÕES NA FALA

Adão Aparecido Molina (UEM)

1. CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Este artigo é fruto de uma pesquisa que fizemos com textos escritos e falados, produzidos por alguns alunos de 8ª série e 2º grau, com o objetivo de observar os reflexos da oralidade na escrita e da escrita na fala, e, também, a ocorrência dos mecanismos de correção e reconstrução na fala.¹⁷

Partimos do princípio de que fala e escrita possuem estreitas relações, porém se processam de maneiras diferentes, tendo em vista que a fala se constrói enunciando, no momento de sua realização, enquanto que a escrita apresenta resultados prontos, isto é, enunciados. Pelo fato da interação se dar, ser simultânea ao processamento da fala são necessários mecanismos que a tornem clara, justamente para que seja interativa, enquanto que os textos escritos não necessitam de tais mecanismos porque o indivíduo tem tempo para refletir sobre o que vai escrever e ainda apagar quando necessário, pois os participantes da interação encontram-se afastados um do outro, não partilham o mesmo tempo e espaço.

Sabendo que os textos escritos apresentam os seus resultados corrigidos, prontos para serem lidos, resolvemos, então, fazer esse estudo para conhecermos os mecanismos utilizados no processo de elaboração da fala.

Solicitamos aos alunos que nos contassem uma história, a qual gravamos, e depois lhes pedimos que a escrevessem, utilizando os recursos da escrita que conheciam, dentro dos padrões gramaticais da norma culta que aprenderam na escola.

Os textos escritos pelos alunos foram transcritos, conforme a fonte, considerando a sua totalidade e a sua originalidade, enquanto

¹⁷ Os resultados na íntegra encontram-se expressos em nosso trabalho monográfico denominado “*Reflexos da oralidade na escrita e da escrita na fala*”, desenvolvido durante nossa participação na disciplina “*Oralidade e letramento no ensino-aprendizagem de língua materna*”, do programa de pós-graduação em Linguística Aplicada, oferecido pelo Departamento de Letras da Universidade Estadual de Maringá-PR.

que os textos falados foram transcritos, considerando para isso os padrões do Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta de São Paulo (Projeto NURC/SP).

Para conhecermos a escrita e a fala e sabermos como se processa cada uma delas, recorreremos aos postulados teóricos, onde encontramos conceitos e definições de alguns autores sobre esse assunto.

A partir desse material, e também das transcrições, passamos, então, à análise das diferenças entre ambas, procurando mostrar os mecanismos que as diferenciam e os possíveis reflexos de uma na outra, quando utilizadas pelos informantes

Pudemos verificar em toda a extensão dos textos analisados que ocorre com grande freqüência a utilização de diversos mecanismos elaboradores da fala, dentre os quais podemos destacar: as correções, as repetições e as paráfrases.

Comparando os textos falados com os escritos, notamos que não existe igualdade total de conteúdo, porém as histórias são as mesmas. Percebemos, também, que, mesmo conhecendo as duas modalidades, cada informante utilizou a linguagem de maneira particular em sua produção.

Constatamos que, na maioria dos textos analisados, nossos informantes utilizaram construções típicas da escrita na fala, e também da oralidade na escrita. Embora a preocupação dos estudantes fosse articular corretamente a linguagem, eles acabaram por usar, cada um à sua maneira, escrita e fala de formas completamente independentes. Podemos observar isto em todo o *corpus* estudado, em diferentes produções individuais de fala e escrita, onde detectamos uma semelhança de resultados no contexto geral analisado, apontando as diferenças no processo de utilização de cada modalidade (escrita e fala).

2. O TEXTO ESCRITO E FALADO

2.1. Conceito de texto:

O conceito de texto nos quadros da lingüística textual varia conforme o autor e/ou a orientação teórica adotada.

Segundo KOCH (1997: 22):

o texto é uma manifestação verbal constituída de elementos selecionados e ordenados pelos falantes, durante a atividade verbal, de modo a permitir aos parceiros, na interação, não apenas a apreensão de conteúdos semânticos, em decorrência da ativação de processos e estratégias de ordem cognitiva, como também a interação (ou atuação) de acordo com práticas socioculturais.

É esta também a posição de SCHMIDT (1978: 170), para quem o texto é

qualquer expressão de um conjunto lingüístico numa atividade de comunicação - no âmbito de um jogo de atuação comunicativa - tematicamente orientado e preenchendo uma função comunicativa reconhecível, ou seja, realizando um potencial ilocucionário reconhecível.

A concepção de texto aqui apresentada mostra que o sentido não está no texto, mas se constrói a partir dele, no curso de interação. O texto possui uma pequena superfície exposta e uma imensa área subentendida.

Para se extrair um sentido do texto é necessário recorrer a vários sistemas de conhecimento e ativar processos e estratégias cognitivas e interacionais.

Como podemos observar, a noção de texto pode ser aplicada tanto para as manifestações orais como para as escritas. Falamos ou escrevemos porque desejamos elaborar uma rede de significados com diversas funções, e com o objetivo de nos comunicarmos.

Nesse sentido, com objetivo de comunicação, quando fazemos o uso da língua, ao utilizarmos a escrita, procuramos objetividade em registrar aquilo que queremos passar para os nossos leitores e, ao utilizarmos a fala, recorremos ainda aos recursos paralingüísticos que são comuns nos enunciados, para melhores esclarecimentos ou maior interação.

2.2. A Fala e a Escrita

Fala e escrita constituem duas modalidades de uso da língua. Embora se utilizem do mesmo sistema lingüístico, elas possuem características próprias.

Segundo MARCUSCHI (1995) e KOCH (1992), não significa, porém, que fala e escrita devam ser vistas de forma *dicotômica*, estanque, como era comum até há algum tempo e, por vezes, acontece ainda hoje.

Vem-se postulando que os diversos tipos de práticas sociais de produção textual situam-se ao longo de um contínuo tipológico

em cujas extremidades estariam, de um lado, a escrita formal e, de outro, a conversação espontânea, coloquial. É MARCUSCHI (1995: 13) quem escreve: “As diferenças entre fala e escrita se dão dentro do contínuo tipológico das práticas sociais e não na relação dicotômica de dois pólos opostos.”

HALLIDAY (apud KOCH, 1997: 61) postula que,

enquanto o texto escrito possui maior densidade lexical, o texto falado, ao contrário do que se costuma afirmar, possui maior complexidade sintática. Dessa forma, fala e escrita apresentam tipos de complexidade diferentes.

O que podemos observar é que muitos textos escritos se aproximam mais da fala conversacional. São os casos dos bilhetes, das cartas familiares e dos textos de humor, porque trazem uma linguagem peculiar, cotidiana. E, em alguns textos falados podemos notar proximidades da escrita formal, no caso das conferências, entrevistas profissionais para altos cargos administrativos e outros.

Há ainda os tipos mistos, em que fala e escrita se confundem e outros tipos intermediários.

Com base nos relatos acima, é que se estabeleceram algumas diferenças entre fala e escrita. Citaremos algumas dentre as mais mencionadas:

FALA	ESCRITA
Contextualizada.	Descontextualizada
Implícita.	Explícita.
Redundante.	Condensada.
Não-planejada.	Planejada.
Fragmentada.	Não-fragmentada.
Incompleta.	Completa.
Pouco elaborada.	Elaborada.
Pouca densidade informacional.	Densidade informacional.
Predominância de frases curtas, simples ou coordenadas.	Predominância de frases complexas, com subordinação abundante.
Pequena frequência de passivas.	Emprego freqüente de passivas.
Poucas nominalizações.	Abundância de nominalizações.

Devemos observar que nem sempre essas características são específicas de uma ou de outra modalidade, tendo em vista que a gramática é projetada para a escrita, o que leva muitas vezes a uma visão preconceituosa da fala.

Segundo KOCH (1992), a fala possui características próprias:

1 – É relativamente não-planejável, de antemão, por sua natureza altamente interacional; necessita ser localmente planejada, ou seja, planejada e replanejada a cada novo “lance” do jogo da linguagem;

2 – O texto falado apresenta-se “em se fazendo”, isto é, em sua própria gênese, tendendo, pois, a “pôr a nu” o próprio processo da sua construção;

3 – O fluxo discursivo apresenta descontinuidades freqüentes, determinadas por uma série de fatores de ordem cognitivo-interacional.

4 – O texto falado apresenta, pois, uma sintaxe característica, sem, contudo, deixar de ter como pano de fundo a sintaxe geral da língua;

5 – A escrita é o resultado de um processo, portanto estática, ao passo que a fala é processo, portanto dinâmica.

Observemos que no texto falado o planejamento ocorre juntamente com a fala, porque há necessidade de interação, esclarecimento. Por isso a sua correção é simultânea.

O falante precisa ser claro; o seu discurso tem que ser compreendido. Para que isso ocorra, então, muitas vezes ele faz interrupções, retoma alguns pontos e tenta explicar, corrigir ou modificar, para que haja interação. Nesse sentido é que podemos observar os reflexos da escrita na oralidade.

Sabemos que um texto escrito apresenta os seus resultados prontos, já elaborados, corrigidos, enquanto que a fala, por ser momentânea, nela o falante necessita de muitos recursos para se fazer claro. Aí entram as correções, as repetições, as paráfrases, os reparos, todos esses recursos que, embora quebrem a seqüência do assunto, também o fazem tornar-se mais objetivo.

HALLIDAY (apud KOCH, 1997: 63) capta bem essa diferença, utilizando a metáfora do quadro e do filme.

Para o leitor, o texto se apresenta de forma sinóptica: ele existe, estampado numa página – por trás dele vê-se um quadro. Já no caso do ouvinte, o texto o atinge de forma dinâmica, coreográfica: ele acontece, viajando através do ar - por trás dele é como se existisse não um quadro, mas um filme.

TERRA (1997) postula que a linguagem falada é bastante utilizada em relação à escrita, porém as gramáticas tradicionais sempre se baseiam nesta, por considerarem que ela seja mais permanente que aquela. Segundo ele, basta lembrar o que diziam os antigos ro-

manos: “*verba volant, scripta manent*”, isto é, as palavras voam, aquilo que está escrito permanece.

SAUSSURE, (1995: 35-36), afirma:

Mas como se explica tal prestígio da escrita?

1º Primeiramente, a imagem gráfica das palavras nos impressiona como um objeto permanente e sólido, mais adequado do que língua através dos tempos.(...)

2º Na maioria dos indivíduos, as impressões visuais são mais nítidas e duradouras que as impressões acústicas; dessarte, eles se apegam, de preferência às primeiras. A imagem gráfica acaba por impor-se à custa do som.

3º A língua literária aumenta ainda mais a importância imerecida da escrita. Possui seus dicionários, suas gramáticas; é conforme o livro e pelo livro que se ensina na escola; a língua aparece regulamentada por um código; ora, tal código é ele próprio uma regra escrita, submetida a um uso rigoroso: a ortografia, e eis o que confere à escrita uma importância primordial. Acabamos por esquecer que aprendemos a falar antes de aprender a escrever, e inverte-se a relação natural.

4º Por fim, quando existe desacordo entre a língua e a ortografia, o debate é sempre difícil de resolver por alguém que não seja o lingüista; mas como este não tem voz em capítulo, a forma escrita tem, quase fatalmente, superioridade; a escrita se arroga, nesse ponto, uma importância a que não tem de direito.” (Grifo nosso)

Sabemos que uma língua vive na fala das pessoas e aí se realiza. Por isso, a vida de uma língua está na fala, porque é através desta que os indivíduos se comunicam. Mesmo assim, até a escola gira em torno da escrita, porque há uma preocupação em ensinar a norma lingüística padrão, motivo pelo qual a gramática é voltada para a escrita, mesmo quando trata de questões tipicamente orais, ou seja, questões da fala.

Muitas vezes a escola ensina a ler e a escrever, não considerando o conhecimento prévio e a formação oral já existente na concepção de linguagem do aluno. Por isso em alguns casos a escola acaba por limitar e até excluir o próprio aluno de seu contexto (o da escola):

Conforme MATENCIO (1994: 15-16),

Mas a vida está dentro e fora da escola! E frequentemente o aprendizado do aluno fora dos limites da instituição escolar lhe é muito mais motivador, pois a linguagem da escola nem sempre é a do aluno. A escola que **exclui** porque não consegue atender toda a clientela; **limita** porque são péssimas as condições de trabalho e de formação dos professores; **reduz** porque a norma culta padrão é a única variante aceita, e os mecanismos de naturalização dessa ordem da linguagem são apagados.” (Grifo nosso).

A fala pertence exclusivamente a cada indivíduo que a utiliza. É o aspecto individual da linguagem humana. Cada falante tem o domínio da língua que fala e, em decorrência disso, pode usá-la como bem lhe aprouver, dentro das regras preestabelecidas pelo contrato coletivo ajustado com os demais falantes.

OSAKABE (*apud* Geraldi et *alli*, 1997: 123) defende que

‘do ponto de vista de sua aprendizagem, a língua escrita e a língua oral apresentam dificuldades de natureza distinta. (...) A escrita atua como complemento da oralidade, cumprindo certas atribuições que se situam além das propriedades inerentes a esta.’ Além disso, ‘mediatizada por estratégias mais tensas e sistemáticas de aprendizagem, a escrita achou-se e acha-se profundamente marcada pela sua assimilação por parte de camadas sociais que, por condições de privilégio, mais a manipulam (...). Ela guarda, não por essência, mas por razões estratégicas, marcas dessas mesmas camadas.’

A partir daí podemos perceber a relação da escrita com o social, considerando-se que saber escrever é ascender socialmente. Já nos textos produzidos na escola, geralmente o estudante preocupa-se em não fugir das formalidades da escrita, procurando passar os seus conhecimentos nessa produção, porém sabemos que na fala ele usa recursos próprios da língua falada, como a mímica, a entoação, a ênfase. Mas quando a sua competência textual é insuficiente para escrever, ele acaba, de forma inconsciente, fazendo uso de construções típicas da oralidade.

3. ANÁLISE DOS MECANISMOS DE ELABORAÇÃO DA FALA

No momento das gravações procuramos deixar os informantes à vontade, para que pudessem falar de uma maneira tranqüila. Mesmo assim percebemos que, principalmente no início, eles apresentaram dificuldades. Por isso, em alguns casos, foi necessário parar, dar um tempo, para que retomassem novamente a fala e continuassem, então, a contar suas histórias.

Na maioria dos textos analisados podemos perceber que os textos falados ocuparam um espaço menor, porque foram transcritos

de maneira compacta, isto é, não possuem parágrafos nem outras pontuações específicas da escrita, tais como: vírgulas, pontos, etc. Embora estejam repletos de repetições, hesitações, correções, prolongamentos, que são mecanismos comuns na fala, estão separados apenas pelas pausas, enquanto que os textos escritos seguem as normas de pontuação e a estrutura gramatical da língua escrita. Por isso ocuparam um maior espaço na sua transcrição.

A seguir apresentaremos o *corpus* deste trabalho que é constituído por **textos falados** (A) e **escritos** (B) de cada informante.

TEXTO Nº 1

O feitiço vira contra o feiticeiro

Versão A:

1 Numa manhã comum... normal como qualquer outra... saiu o cachorro e/ saiu o cachorro e seu dono para passear... compraram pão e jornal... como sempre..... em uma manhã seca e árida... du/ de verão... saíram um cachorro e seu dono... pra sai/ pro seu passeio matinal... compraram pão e jornal... estavam muito tranquilos... quando éh::/ quando de repente encontraram um::... açogueiro... passaram por um açogueiro... que estava cuidando... do produto de su/ da sua sobrevivência... onde... o cachorro foi até o açogueiro... querendo um pouco de carne para si... e o açogueiro é... o açogueiro... brigou... não gostou... e foi... fala prô/... e foi afastar o cachô/ o cachorro... enquanto todos... pensavam que o cachorro... queria morder o açogueiro para pegar a carne... na verdade... o açogueiro é que bateu... e machucou o cachorro... que ficou aos berros... gritando em um beco e seu dono procurava... éh::... e seu dono procurava... o cachorro e não encontrava... e quando encontrou... viu o cachorro... perdido... num beco... jogado... sangrando... e o açogueiro... em vez de prestar socorros... sumiu.

Versão B:

1 Em uma manhã seca e árida, um homem e seu melhor amigo cão, saíram à rua para seu passeio matinal.
Tudo estava tranquilo, como sempre compraram pão e jornal.
Mas sem que seu dono percebesse, o cão correu, seguiu um homem, um açogueiro, que cuidava do produto de sua sobrevivência. Todos pensaram que o, “pobre homem”, seria molestado, porém em defesa de seu trabalho, o homem fez o inesperado, pobre cão, fora obrigado da maneira mais cruel a aprender que não se deve mexer no que não lhe pertence.
Enquanto o dono do cão preocupado, procurava seu bicho de estimação
10 olhando por todo canto e todo lado, o animal encontrava-se aos berros jogado em um beco, o açogueiro tinha sumido.

(Meriele, 16 anos, 2º ano, 2º grau).

TEXTO Nº 2

A vida

Versão A:

- 1 tudo começou num sábado... eu com meu pai trabalhávamos numa construção... num sobrado que nós tamos fazendo pra nós mesmos... quando era mais ou menos déis horas da manhã... meu pai subiu no andaime ih:... estávamos fazendo a caxaria das vigas para pôr laje... ih:... e ao segurar a tá-bua... ele me chamou para ir ajudá ele... mas quando eu cheguei na escada 5 prá subi no andaime junto com ele... eu escuto um estrondo ih:... quando eu olho para trás eu vejo meu pai caindo... e junto... e as tábuas do andaime caindo em cima do pé dele ih:... fiquei até meio bobo na hora... mas nunca tinha visto aquilo acontecer de perto... ainda mais com parente meu... meu 10 pai gritando de dor me chamou prá tirar seu sapato... mas ele com muita experiência de vida sabia que a... na hora que o sangue esfriasse ele não ia conseguir tirar a bota... então... corri lá e tirei a bota dele... ih:... ele imediatamente começou a chamar a minha mãe porque nós moramos no fundo e aí: a 15 minha mãe veio e nós levamos ele lá para dentro de casa..... e aí ela tão desesperada começou a puxar o pé do meu pai... massagear... fazer de tudo... para ver se havia apenas des/ destroncado mas meu pai não parava de gemer de dor... então minha mãe dispensou a ajuda dos vizinhos porque na hora do 20 estrondo todo mundo veio à minha casa para ver o que tinha acontecido... aí eu... aí nós decidimos levá ele ao pronto socorro... chegando lá transferiram ele para o hospital de Sarandi... pois lá... não havia vaga... e lá no hospital de Sarandi os médicos cons/ constataram que ele havia quebrado o pé..... ih:... o médico ainda quis assustar minha mãe porque disse que fez o que/ que fez o que pôde depois da cirurgia toda né... fez o que pôde e não e/ e que ele não ia andar mais como uma pessoa normal né... ele ia ficar mancando a vida in- 25 teira... mas o susto naquele dia foi tão grande que nem fome senti logo eu... na minha idade na adolescência... havia de sentir muita fome... mas naquele dia... só conseguia sentir tristeza dentro de mim... então minha mãe e eu... com muita fé... rezamos por ele... e após... ele ter saído do hospital ele ficou engessado seis meses... e graças a Deus... hoje ele anda normalmente... não 30 ficou com nenhUm defEito... nenhuma sequEla... apesar das dores que ele sEnte quando o tempo muda para chuva... como diz ele né... mas fora i/ fora isso ele/ ele tá/ ele tá bem... e o principal ele ainda continua o que mais gosta... continua fazendo o que mais gosta que é trabalhar... ih:... hoje passado três anos... do acontecimento... estamos quase terminando a nossa obra... e vi 35 que a vida é cheia de surpresas

Versão B:

- 1 Em um belo dia, mais precisamente no sábado, eu com meu pai,

trabalhávamos na construção ou seja um sobrado em que nós estávamos construindo para nós mesmos.

5 Quando era mais ou menos 10:00 horas, da manhã o inesperado acontece, meu pai subiu no andaime, pois estávamos fazendo a caixa das vigas, para iniciar a colocação das lajes e ao segurar uma tábua, ele me chama para ir ajudá-lo, mas quando eu cheguei à escada para subir, escuto um estrondo e imediatamente olho para trás para ver o que havia acontecido e por minha surpresa, vi meu pai caindo no chão e todas aquelas tábuas caindo sobre seu pé. Fiquei meio bobo na hora, pois nunca tinha visto isto acontecer de tão perto e ainda por cima com um parente meu.

10 Meu pai gritando de dor me chamou para tirar seu sapato, pois ele com muita experiência de vida, sabia que quando o sangue esfriasse ele não conseguiria tirar o sapato. Eu desesperado tirei e comecei então a chamar pela minha mãe, pois nós moramos no fundo, ela veio correndo e no mesmo instante os vizinhos chegaram para ver o que tinha acontecido, para prestar socorro. Eu e minha mãe levamos meu pai para casa e então ela começou a puxar o pé do meu pai, massagear, fazia de tudo para ver se havia destroncado, mas meu pai não parava de gemer de dor.

15 Então minha mãe dispensou a ajuda dos vizinhos e decidiu levá-lo ao pronto socorro, com nosso próprio carro, chegando lá, transferiram-o para o hospital de Sarandi, pois lá não havia vaga. Já no hospital de Sarandi, os médicos constataram que meu pai havia quebrado o pé, então o médico falou para a minha mãe que fez o que pôde e que meu pai não iria andar mais como uma pessoa comum, ele ficaria mancando a vida inteira.

20 Naquele dia o susto foi tão grande que nem fome senti, mas sentia uma tristeza imensa dentro do meu coração.

30 Então minha mãe e eu com muita fé, rezamos por ele. Após isso, ele ficou engessado por 6 meses e graças a Deus, ele anda normalmente, não ficou com nenhum defeito, apesar das dores que ele sente, quando o tempo muda para chuva, mas fora isso está tudo bem e o principal ainda continua fazendo o que mais gosta “trabalhar”. Hoje passado três anos do acontecimento estamos quase terminando a nossa obra e vi que a vida é cheia de surpresas.

(Elissandro, 17 anos, 3º ano, 2º grau).

TEXTO Nº 3

A lebre e a tartaruga

Versão A:

1 num bosque encantado há muito tempo vivia uma lebre muito/ muito convencida... ela ganhava fácil fácil todas as corridas... e vivia contando vantagem... e os outros bichos já estavam cansados né... de ouvir... () os outros bichos concordavam... que ela era mais rápida mas todos já estavam cansados de ouvir ela cantando vantagem... sobre suas corridas... uma tarde uma tartaruga que já estava cansada de ouvir ela cantando vantagem disse... “você

- é muito veloz... mas:: eu aposto que... você não consegue::... fazer um trajeto mais longo... eu ganho de você”... daí a tartaruga rolou no chão... de tanto rir... e falou a ela... “você dona tartaruga... perdeu o juízo”... ela falou “sim... quero apostar”..... daí a lebre rolou... no chão de tanto rir... e disse para a tartaruga... “você dona tartaruga... ganhar de mim... perdeu o juízo”... aí a tartaruga falou... “quero apostar”..... e a aposta foi feita... o trajeto foi acertado... realmente era muito longo... mas a tartaruga assim... não tava com medo... ela já tinha combinado com as outras tartarugas... pra cada uma correr um pedacinho... aí no dia do trajeto... a lebre já tava cantando vantagem de novo... com a tartaruga... () no dia da partida antes deles saírem a lebre pegou e disse... “é melhor você correr... eu só vou ficar esperando dois dias na linha de chegada”... eles partiram... a lebre... levantou poeira/ a lebre saiu levantando poeira... deixando a tartaruga para trás... mas ela nem se incomodou... porque né... as tar/ as outras tartarugas já estavam lá..... a éh... a lebre parava... para descansar e também para namorar as coelhinhas em cada lugar que viviam... até que numa curva ele viu a lé/ a tartaruga... daí ele pen/ ele pensou com ele mesmo... até que ela corre bem né... mas daí ele saiu correndo e conseguiu ultrapassá-la... aí numa outra curva ele viu a tartaruga de novo... aí ele correu... e foi/ e conseguiu ultrapassá-la... isso foi ocorrendo ao trajeto todo... daí quando ela parou para namorar mais uma vez a... coelhinha... uma/ a tartaruga verdadeira ajudada pelos outros animais... passou por um atalho e ficou pertinho da rota final né... daí a lebre quando chegou na linha/ perto lá da linha de chegada... ela viu a tartaruga... começou acelerar... acelerar... daí mas a tartaruga ganhou e a lebre muito humilhada... de uma derrota... éh::... prometeu que nunca mais ia sair provocando os outros bichos

Versão B:

- 1 Em um bosque encantado, há muito tempo, vivia uma lebre muito convencida.
- 5 Ela ganhava fácil, fácil todas as corridas contra os outros bichos do bosque e ficava contando vantagem durante dias e dias, cada vez aumentando mais a sua vitória.
- Os outros bichos concordavam que ela era a mais rápida, mas todos já estavam cansados de ouvir a lebre contando vantagem.
- 10 Uma tarde, a tartaruga, que já estava cansada da conversa mole da lebre disse:
- Você é muito veloz, mas aposto que, em uma corrida mais longa, até eu ganho de você.
- A lebre rolou no chão de tanto rir.
- 15 - Você? Dona tartaruga ganhar de mim? Perdeu o juízo?
- Quer apostar? - revidou a tartaruga.
- E a aposta foi feita.
- 20 O trajeto foi acertado. Realmente era muito longo, mas a lebre já estava cantando vantagem de novo. Quando eles se encontraram para dar a saí-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

da, a lebre disse:

- É melhor correr. Eu só vou esperar 2 dias na linha de chegada.

25 E eles partiram. A lebre saiu levantando poeira e deixando para trás a tartaruga, que nem se incomodou. Ela tinha combinado com todas as tartarugas do bosque que cada uma ia correr um pedacinho da corrida no lugar dela.

A lebre que não sabia do truque, da tartaruga, ia correndo na frente, despreocupada, namorando todas as coelhinhas que via no caminho.

30 Até que, ao fazer uma curva, viu lá na frente a tartaruga (nós sabemos que era outra tartaruga, mas ela não).

“Até que ela correu bem. Deve ter passado à frente quando eu estava distraída”, pensou a lebre.

35 Mas era fácil ultrapassá-la, começou a acelerar e passou correndo por ela.

Até que, em outra curva, lá estava a tartaruga de novo. E mais uma vez ela correu para ultrapassá-la. Isso continuou por todo o trajeto.

40 A verdadeira tartaruga, ajudada por outros animais, foi por um atalho e chegou bem perto da rota final.

A lebre quando alcançou a reta, viu a tartaruga quase cruzando a linha de chegada. Correu o mais que pode, mas a tartaruga ganhou.

Muito humilhada com a derrota, a lebre prometeu a todos que nunca mais ficaria provocando os outros bichos.

(Nemara, 14 anos, 8ª série).

No texto falado- versão A-, nossa informante nº 1, mostra tudo aquilo que esperamos desse tipo de texto. Bastante típico, difere da versão escrita; é um texto pequeno, e, em relação ao escrito, apresenta menor densidade porque está repleto dos mecanismos da fala. Ela começa a história e, já na terceira linha, após uma pausa prolongada, a reinicia, repetindo tudo o que já havia dito. Utiliza esse mecanismo como forma de localizar-se e monitorar o seu discurso.

O texto B - versão escrita- apresenta uma linguagem simples e difere do texto falado porque é mais condensado. A versão oral é mais esclarecedora. Quanto ao que houve com o cachorro, a versão escrita não traz uma explicação suficiente para que se entenda o que aconteceu.

Conforme se pode observar nas transcrições dos textos falados, na oralidade, o fluxo de informação pode se desenvolver de modo contínuo e rápido. Pode, também, apresentar-se de forma truncada, dando origem à descontinuidade e a um ritmo fragmentado da progressão temática.

Esses casos de descontinuidade configuram o fenômeno da

ruptura, considerada, segundo KOCH et alii (1990: 146), “*como um dos processos de demarcação de unidades discursivas na seqüência de informações.*”

As **interrupções definitivas** e as **suspensões momentâneas do tema** são características próprias da linguagem falada. Inversamente, a escrita mostra apenas o resultado elaborado.

Para facilitar a compreensão do texto falado, os interlocutores criam situações que geram desordenação ou desarticulação no sistema sintático oral, o que leva ao emprego, de maneira significativa, da redundância.

Para fazer referências às características da linguagem oral dialogada, é necessário remeter-se às regras de planejamento que sustentam esse tipo de linguagem.

Segundo OCHS (apud KOCH et alii, 1990: 148),

...o discurso não planejado é aquele sem reflexões prévias e preparação organizacional anterior à sua expressão, e o discurso planejado é aquele pensado, projetado antes de sua manifestação. Aponta tendência da escrita para ao planejado e da oralidade para o não planejado, pela diferença de situação em que um e outro se desenvolvem. Assim, uma conversação espontânea é relativamente não planejável, é administrada passo a passo. Quando o locutor constrói sua fala esta tem conseqüências diretas na fala de seu interlocutor, gerando monitoramento recíproco e influenciando diretamente no fluxo de informações.

Como mecanismos de elaboração da fala, podemos citar as **pausas e hesitações**, as **correções**, as **inserções** e a **reconstrução**. Esses mecanismos provocam uma descontinuidade na progressão temática, porém sua utilização é necessária para facilitar a articulação e a compreensão do texto falado.

Observando atentamente os textos 1.A , 2.A e 3.A , podem-se detectar os mecanismos mais comumente usados pelos falantes.

3.1. As pausas e as hesitações¹⁸

São organizadores importantes na efetivação da linguagem porque marcam os momentos de sua elaboração e planejamento. As

¹⁸ (Nota do editor): A formatação que o autor preparou não pôde ser aproveitada nessa edição. Por isso, as referências às “linhas” não coincidem sempre, pelo que pedimos atenção especial do leitor.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

hesitações, ou pausas, preenchidas dão tempo ao falante de se preparar e monitorar a sua fala. Geralmente aparecem como reduplicações de artigos, de conjunções, ou mesmo de sons não lexicados, como *ah ah*, ou *ah:: eh::* e outros. Às vezes funcionam para o ouvinte como um pedido de socorro. Para ilustrar, observamos algumas ocorrências nos textos transcritos.

Texto 1. A.:

Hesitações:

Na linha 4 :

... quando éh::/ quando de repente...

Nas linhas 9 e 10:

... e seu dono procurava... éh::... e seu dono procurava...

Texto 2.A.:

- Hesitações:

Na linha 3 :

... ih::...estávamos fazendo a caxaria...

Na linha 5 :

... eu escuto um estrondo ih::...

Nas linhas 16 e 17:

... ele havia quebrado o pé..... ih::... o médico...

Na linha 26:

... trabalhar... ih::... hoje passado três anos...

Texto 3.A.:

Hesitações:

Na linha 17:

... já estavam lá..... a éh::... a lebre parava...

Nas linhas 25 e 26 :

... de uma derrota... éh::... prometeu que nunca mais ia sair...

3.2. As correções

Sabemos que, ao escrevermos, dispomos de tempo para pensarmos e, conseqüentemente, planejamos aquilo que desejamos escrever e ainda dispomos de materiais para retificarmos quando erramos. Por isso, quando apresentamos um texto escrito, ele já está pronto, passado a limpo. É o resultado polido da nossa produção. Na fala, não há essa possibilidade, porque ela se apresenta explícita no momento de sua realização e tudo o que se fizer é definitivo. Por isso é que o falante tem necessidade de fazer correções, para apresentar o seu discurso de maneira compreensível, para se fazer entender, tornando claro aquilo que diz. A correção funciona como um processo de edição da fala.

Existem vários tipos de correções, porém a que veremos é a autocorreção auto-iniciada, de iniciativa própria do falante, logo após a sua falha.

Texto 1.A.:

- Correções:

Nas linhas 2 e 3:

... du/ de verão...

Na linha 3 :

... pra saí/ pro seu passeio matinal...

Nas linhas 4 e 5:

... encontraram um::... açogueiro...

... passaram por um açogueiro.

Na linha 5 :

... do produto de su/ da sua sobrevivência...

Na linha 7 :

... e foi falá prô/... e foi afastar o cachô/ o cachorro...

Texto 2.A.:

- Correções:

Nas linhas 1 e 2 :

... numa construção... num sobrado que nós tamos fazendo pra nós mesmos...

Na linha 14 :

... aí eu... aí nós decidimos...

Texto 3.A.:

- Correções:

Nas linhas 7, 8 e 9 :

... daí a tartaruga rolou no chão... de tanto rir...

... daí a lebre rolou... no chão de tanto rir...

Nas linhas 15 e 16 :

... a lebre... levantou poeira/ a lebre saiu levantando poeira...

Na linha 17:

... as tar/ as outras tartarugas...

Nas linhas 17 e 18 :

.. a lé/ a tartaruga...

Na linha 22 :

... uma/ a tartaruga...

3.3. As inserções

Manifestam-se no discurso por meio de frases hóspedes que interrompem a seqüência sintática da frase, mas com propósito defnitivo de comunicação, como: contato, esclarecimentos, citações, atenuações, ressalvas, indicações atitudinais modais e avaliações. A seguir veremos algumas inserções feitas por nossos informantes, com intenção de esclarecimento.

Texto 2.A.:

Nas linhas 1 e 2 :

... num sobrado que nós tamos fazendo pra nós mesmos...

Na linha 3 :

... estávamos fazendo a caxaria das vigas para pôr laje...

Nas linhas 13 e 14 :

... porque na hora do estrondo todo mundo veio à minha casa para ver o que tinha acontecido...

Texto 3.A.:

Na linha 13 :

... a lebre já tava cantando vantagem de novo... com a tartaruga...

3.4. A reconstrução

É outro fenômeno que interfere no curso contínuo da progressão temática, provocando retenção do ritmo de escoamento da informação. Dá-se por meio de mecanismos de **repetição** ou **adjunção**.

A seguir, apresentaremos alguns tipos de reconstrução bastante utilizados: a **repetição** e a **paráfrase**.

3.4.1. A repetição

A **repetição** engloba desde a repetição sem variação até a com variação maior ou menor da forma, onde se encontram as paráfrases, podendo haver um auto ou heterocondicionamento. As repetições podem ser imediatas ou posteriores ao termo reconstruído. O falante recorre com muita frequência a esse tipo de reconstrução, pois através dela procura reforçar aquilo que disse, tentando ser claro, ou seja, buscando uma melhor interação. Através da repetição o falante monitora o seu discurso.

Texto 1.A.:

- Repetições:

Na linha 1 :

... saiu o cachorro e/ saiu o cachorro e seu dono...

Nas linhas 6 e 7 :

... e o açogueiro é... o açogueiro...

Texto 2.A.:

- Repetições:

Na linha 17 :

... porque disse que fez o que/ que fez o que pôde...

Nas linhas 24 e 25 :

... mas fora i/ fora isso ele/ ele tá/ ele tá bem...

(Nesse trecho há um truncamento e as repetições são precedidas de hesitações).

Texto 3.A.:

- Repetições:

Na linha 1:

... muito/ muito convencida...

Nas linhas 11 e 12 :

... ela já tinha tinha combinado...

Nas linhas 24 e 25 :

... começou acelerar... acelerar...

3.4.2. A paráfrase

A **paráfrase** envolve “o grau mais elevado de reformulação no processo de recorrência de uma informação.” (FUCHS, apud KOCH et alii, 1990: 166). Através dela, o locutor restaura o conteúdo de um texto. “A paráfrase oscila entre a reprodução pura e simples do conteúdo e sua deformação.” (idem, p. 166)

A **paráfrase**, inversamente às **correções**, não exclui o termo parafraseado, mas o apresenta restaurado. Por isso, normalmente, assume extensões maiores. Ela retoma, em parte, ou no todo, o conteúdo de um enunciado, expressando uma idéia igual ou semelhante a este. O falante também a usa a fim de ser melhor compreendido por seu interlocutor.

Todos os mecanismos que envolvem o fluxo de informações são meios encontrados pelo falante para tornar o seu discurso compreensível. Ele ainda pode utilizar os recursos paralingüísticos a fim de obter uma maior interação, enquanto fala.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Por isso consideramos importante o estudo de tais mecanismos, pois é através deles que conseguimos entender como a fala se processa no discurso.

Texto 1.A.:

- Paráfrase:

Na linha 1 :

Numa manhã comum... normal como qualquer outra...

Texto 2.A :

Paráfrases:

Nas linhas 11 e 12 :

... começou a puxar o pé do meu pai... massagear... fazer de tudo...

Nas linhas 18 e 19 :

... não ia andar mais como uma pessoa normal... ele ia ficar mancando a vida inteira...

Texto 3.A:

- Paráfrases:

Nas linhas 2, 3 e 4 :

... e os outros bichos estavam cansados né... de ouvir....

... mas todos já estavam cansados de ouvir... (paráfrase).

Nas linhas 23 e 24 :

... daí a lebre quando chegou na linha/ perto lá da linha de chegada...

(CONTINUA NO PRÓXIMO NÚMERO)